REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E A EXPERIÊNCIA NO PARTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

OBSTETRIC VIOLENCE AND THE BIRTH EXPERIENCE: AN INTEGRATIVE REVIEW

Ciências Biológicas • 28/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/795721401

Emanuelle Gomes da Silva[1]

Heverson da Nóbrega Diniz[2]

Karina Almeida de Carvalho Câmara[3]

Letícia Ferreira Fausto[4]

Milena Nunes Alves de Sousa[5]

RESUMO

A violência obstétrica constitui uma problemática que compromete a qualidade da assistência ao parto e os direitos das mulheres, podendo ocasionar repercussões físicas e emocionais. O presente estudo teve como objetivo analisar as evidências científicas disponíveis na literatura sobre a violência obstétrica e suas repercussões na experiência das mulheres durante o parto, identificando suas principais manifestações e implicações para a saúde materna e para a qualidade da assistência obstétrica. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde, Scientific Electronic Library Online e PubMed, mediante a utilização dos descritores relacionados à violência obstétrica e ao parto. Foram considerados artigos científicos publicados entre 2006 e 2026, nos idiomas português e inglês, sendo selecionados 45 estudos após a aplicação dos critérios estabelecidos. Os resultados evidenciaram diferentes manifestações de violência obstétrica, incluindo desrespeito à autonomia feminina, violência verbal e psicológica, agressões físicas e realização de procedimentos sem esclarecimento ou consentimento adequado. Também foram identificadas repercussões negativas na experiência do parto e no bem-estar emocional das mulheres. Portanto, o enfrentamento dessa problemática exige a qualificação dos profissionais, o fortalecimento de práticas humanizadas. Novas pesquisas são importantes para aprofundar o conhecimento sobre as experiências das parturientes em diferentes contextos e avaliar estratégias efetivas de prevenção.

Palavras-chave: Violência Obstétrica; Parto; Saúde Materna.

ABSTRACT

Obstetric violence is a problem that compromises the quality of childbirth care and women's rights, potentially causing physical and

emotional repercussions. This study aimed to analyze the scientific evidence available in the literature on obstetric violence and its repercussions on women's childbirth experiences, identifying its main manifestations and implications for maternal health and the quality of obstetric care. This is an integrative literature review conducted using the Biblioteca Virtual em Saúde, *Scientific Electronic Library Online*, and *PubMed* databases, employing descriptors related to obstetric violence and childbirth. Scientific articles published between 2006 and 2026, in Portuguese and English, were considered, resulting in the selection of 45 studies after applying the established criteria. The findings revealed different manifestations of obstetric violence, including disrespect for women's autonomy, verbal and psychological abuse, physical aggression, and procedures performed without adequate explanation or informed consent. Negative repercussions on childbirth experiences and women's emotional well-being were also identified. Therefore, addressing this problem requires professional training and the strengthening of humanized care practices. Further research is needed to deepen understanding of women's experiences during childbirth in different contexts and to evaluate effective prevention strategies.
Keywords: Obstetric Violence; Childbirth; Maternal Health.

1. INTRODUÇÃO

O parto representa um momento significativo na vida da mulher, envolvendo transformações físicas, emocionais e sociais que podem influenciar sua percepção sobre a maternidade e sua relação com os serviços de saúde (Miyauchi; Shishido; Horiuchi, 2022). Nesse contexto, a assistência obstétrica deve ser pautada pelo acolhimento, pela segurança, pelo respeito à autonomia feminina e

pela garantia de uma experiência digna e humanizada (Almeida *et al.*, 2020). Entretanto, apesar dos avanços nas discussões sobre humanização do nascimento, ainda são identificadas práticas assistenciais que desconsideram as necessidades, os direitos e as escolhas das mulheres, contribuindo para a ocorrência da violência obstétrica (Mirzania *et al.*, 2025).

A violência obstétrica compreende diferentes formas de desrespeito, abuso e violação dos direitos das mulheres durante a assistência à gestação, ao trabalho de parto, ao nascimento e ao período pós-parto (Leite *et al.*, 2024). Suas manifestações podem incluir agressões físicas e verbais, negligência, discriminação, procedimentos realizados sem consentimento informado, restrição injustificada da autonomia e ausência de informações sobre as condutas adotadas. Essas situações podem ocorrer tanto nas relações entre profissionais e pacientes quanto na organização dos próprios serviços de saúde, evidenciando a importância de uma assistência fundamentada em princípios éticos, na comunicação efetiva e no respeito à dignidade humana (Avcı; Kaydırak, 2023).

A experiência vivenciada durante o parto não depende exclusivamente das condições clínicas e dos procedimentos realizados, mas também da maneira como a mulher é acolhida, ouvida e envolvida nas decisões relacionadas ao nascimento. A qualidade da comunicação, o apoio emocional, o respeito às preferências maternas e a possibilidade de participação ativa no processo assistencial são aspectos importantes para a construção de uma experiência positiva. Em contrapartida, condutas autoritárias, constrangimentos e intervenções realizadas sem esclarecimento podem provocar sentimentos de medo, insegurança, impotência e perda de controle sobre o próprio corpo. Dessa forma, compreender

a experiência do parto exige considerar não apenas os resultados clínicos, mas também as percepções e os significados atribuídos pelas mulheres a esse momento (McKelvin; Thomson; Downe, 2021).

As repercussões da violência obstétrica podem ultrapassar o período do nascimento, alcançando a saúde emocional e o bem-estar materno no puerpério. Experiências marcadas por desrespeito e sofrimento podem contribuir para uma percepção negativa do parto e estão associadas a maior ocorrência de sintomas de depressão pós-parto, além de possíveis repercussões na saúde mental materna (Conceição *et al.*, 2023). Nesse sentido, Minckas *et al.* (2021) destacam a relevância de compreender as relações entre o desrespeito e os maus-tratos durante o parto, a utilização dos serviços de atenção pós-natal e o bem-estar materno e neonatal. Complementarmente, Silva-Fernandez *et al.* (2023), em uma revisão sistemática, analisaram fatores associados à violência obstétrica implicados no desenvolvimento de depressão pós-parto e transtorno de estresse pós-traumático, reforçando a importância de considerar as possíveis repercussões psicológicas dessas experiências.

Diante dessa problemática, a prevenção da violência obstétrica requer o fortalecimento de práticas humanizadas, a qualificação dos profissionais de saúde e a valorização da autonomia feminina. A oferta de informações claras, a obtenção do consentimento informado, a preservação da privacidade e a escuta das necessidades individuais são medidas essenciais para promover uma assistência respeitosa. Além disso, compreender como as mulheres percebem e vivenciam o parto permite ampliar a discussão sobre a qualidade dos serviços obstétricos e contribuir para a construção de ambientes assistenciais mais seguros, acolhedores e comprometidos com os direitos reprodutivos.

Nesse contexto, torna-se relevante reunir e analisar o conhecimento científico produzido sobre a violência obstétrica e sua relação com a experiência do parto. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar as evidências científicas disponíveis na literatura sobre a violência obstétrica e suas repercussões na experiência das mulheres durante o parto, identificando suas principais manifestações e implicações para a saúde materna e para a qualidade da assistência obstétrica.

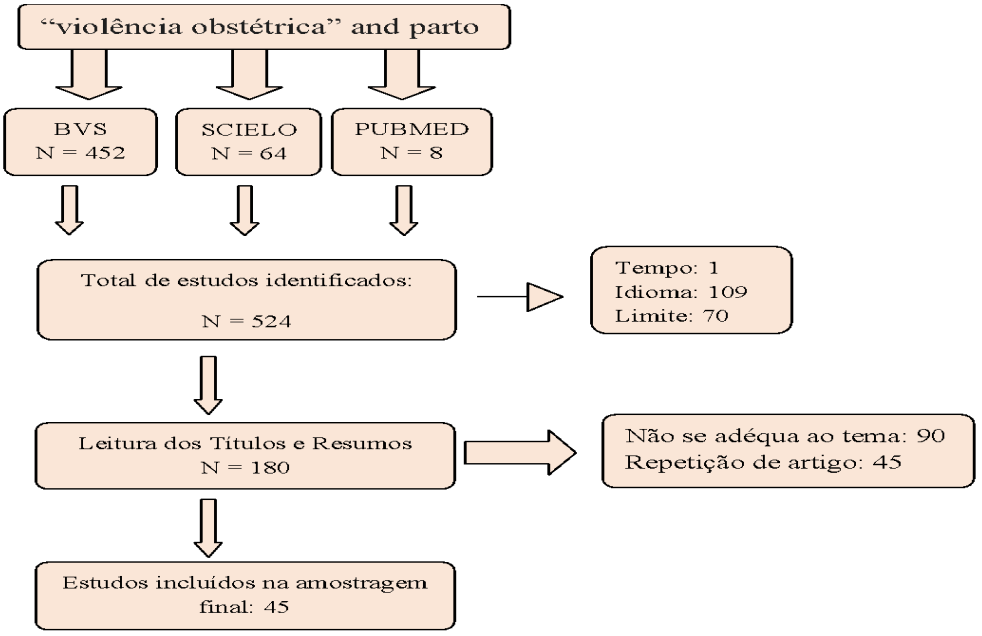
2. MÉTODO

Revisão integrativa da literatura, cujo objetivo é reunir e sintetizar estudos relevantes relacionados à violência obstétrica e experiência no parto, contribuindo para organização e divulgação da experiência científica (Sousa; Bezerra; Egypto, 2023). Conforme Alvarenga *et al.* (2024), para a realização desse método é necessário seguir seis etapas: identificação do tema e da questão da pesquisa, busca na literatura, extração de dados ou categorização, análise crítica dos estudos incluídos, interpretação dos dados e estruturação da revisão integrativa.

Dessa forma, primeiramente foi escolhida a questão da pesquisa: como a violência obstétrica foi percebida e qual o impacto na vida das mulheres? Em seguida, foram definidos os Descritores em Ciências de Saúde (DeCS) em português\inglês: Violência Obstétrica*Obstetric Violence* e Parto*Childbirth*. De acordo com isso, na base de dados Biblioteca Virtual em saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (*SciELO) e U.S. National Library of Medicine (PubMed)* foi usada a combinação “Violência Obstétrica” *and* Parto, utilizando-se de vocabulários controlados.

Como critérios de inclusão foram eleitos: artigos científicos revisados por pares, artigos publicados de 2006 a 2026, idiomas: português e inglês. Já como critérios de exclusão: Artigos que não se adéquam ao tema proposto e artigos repetidos. Foram encontrados no total 524 artigos, sendo selecionados após aplicação dos filtros 45 artigos. (figura 1).

Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos



Fonte: Dados de pesquisa, 2026.

No terceiro passo, dada a sistematização, foram coletados os seguintes dados: autor, ano, título, idioma, país, periódico, tipo de estudo, principais resultados que respondem à pergunta da pesquisa, percepção/experiência da violência obstétrica, impactos da violência obstétrica. Finalmente, na quarta e quinta etapa realizou-se a análise e interpretação crítica dos achados, resultando na sexta etapa, a qual aborda a apresentação.

3. RESULTADOS

No Quadro 1, verifica-se que os anos que prevaleceram entre as pesquisas foram 2017 e 2022, ambos totalizando 13,3% (n=6). Quanto

aos periódicos, destacou-se a Revista de Enfermagem UFPE, responsável por 15,6% (n=7) das publicações e no que se refere ao tipo de estudo, destacou-se a abordagem qualitativa (57,8%; n=26).

Quadro 1. Caracterização geral dos artigos selecionados para compor a RIL.

Autores (Ano)	**Título**	**Idioma e País**	**Periódico**	**Tipo de Estudo**
Aguiar *et al.* (2022)	Near-miss materno e violência obstétrica: uma relação possível?	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino-Americana	Qualitativo
Almeida (2022)	Percepção das puérperas de um hospital materno infantil sobre a violência obstétrica no estado de Roraima	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Pesquisa	Qualitativa, exploratória
Alves *et al.* (2023)	Relação entre iniquidade racial e violência obstétrica no parto	Português Brasil Inglês	Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago	Quantitativa e transversal
Andrade *et al.* (2016)	Fatores associados à violência obstétrica na	Português Brasil Inglês	Revista Brasileira de Saúde	Estudo transversal, prospectivo,

	assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco		Materno Infantil	quantitativo
Assis *et al.* (2021)	Repercussões emocionais em mulheres que sofreram violência obstétrica	Português Brasil Inglês	Psicologia Argumento	Estudo qualitativo, exploratório e descritivo
Barbosa *et al.* (2017)	Violência obstétrica: revisão integrativa de pesquisas qualitativas	Português Brasil Inglês	Avances en Enfermería	Revisão integrativa da literatura, de pesquisas qualitativas
Branco *et al.* (2024)	Práticas associadas à violência obstétrica no parto vaginal: estudo de base populacional em município do Sul do Brasil	Português Brasil Inglês	Cadernos Saúde Coletiva	Transversal
Campos *et al.* (2020)	Práticas convencionais do parto e violência obstétrica sob a perspectiva de puérperas	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista Baiana de Enfermagem	Qualitativo, descritivo, exploratório

Carneiro (2015)	“Para chegar ao Bojador, é preciso ir além da dor”: sofrimento no parto e suas potencialidades	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latino-Americana	Estudo qualitativo, etnográfico
Castro *et al.* (2023)	Violência obstétrica na percepção de puérperas em uma maternidade pública do norte do Brasil	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)	Descritivo-exploratório e quantitativo
Costa *et al.* (2022)	Violência obstétrica: uma prática ainda vivenciada no processo de parturição?	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Enfermagem UFPE	Exploratória, descritiva, quantitativa
Cunha *et al.* (2020)	Produção de conhecimento sobre violência obstétrica: o lado invisível do parto	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Nursing	Revisão integrativa
Diniz *et al.* (2015)	Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde	Português Brasil Inglês	Journal of Human Growth and Development	Artigo de revisão / estudo teórico-narrativo

	materna e propostas para sua prevenção.			
Flores e Mello Netto (2023)	“É para o seu bem”: a “violência perfeita” na assistência obstétrica	Português Brasil Inglês	Physis: Revista de Saúde Coletiva	Ensaio teórico/reflexivo
Garces *et al*. (2025)	Perception and experience of obstetric violence in postpartum women at a public hospital in Peru: a mixed study	Inglês, Espanhol	Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública	Qualitativo, quantitativo
Giacomini e Hirsch (2020)	Parto “natural” e/ou “humanizado” ? Uma reflexão a partir da classe	Português Brasil Inglês	Revista Estudos Feministas	Estudo qualitativo, de abordagem etnográfica
Jardim e Modena (2018)	A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista Latino-Americana de Enfermagem	Revisão integrativa da literatura

Lansky *et al.* (2019)	Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes	Português Brasil Inglês	Ciência & Saúde Coletiva	Estudo observacional, quantitativo, de caráter transversal
Leitão *et al.* (2025)	Representaçõe s sociais de puérperas sobre violência obstétrica nos cenários do parto e do nascimento	Português Brasil Inglês	Ciência & Saúde Coletiva	Estudo qualitativo
Leite *et al.* (2024)	Epidemiologia da violência obstétrica: uma revisão narrativa do contexto brasileiro	Português Brasil Inglês	Ciência & Saúde Coletiva	Revisão narrativa
Lima *et al.* (2021)	Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras	Português Brasil Inglês	Ciência & Saúde Coletiva	Pesquisa empírica, de abordagem qualitativa
Macedo *et al.* (2023)	O plano de parto como mecanismo de proteção do direito à autodetermina ção da mulher em contexto	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Bioética y Derecho	Qualitativo, bibliográfico , documental

	obstétrico em Portugal			
Martins *et al*. (2022)	Análise das denúncias de violência obstétrica registradas no Ministério Público Federal do Amazonas, Brasil	Português Brasil Inglês	Cadernos Saúde Coletiva	Quantitativo, exploratório, documental
Matos *et al*. (2021)	Violência obstétrica e trauma no parto: o relato das mães	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Psicologia: Ciência e Profissão	Qualitativa, caso-coletivo
Medeiros e Nascimento (2022)	“Na hora de fazer não chorou”: a violência obstétrica e suas expressões	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista Estudos Feministas	Estudo qualitativo, descritivo
Melo *et al*. (2022)	Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural	Português Brasil Inglês	Revista Cuidarte	Estudo transversal, com abordagem qualitativa
Moreira e Conceição (2025)	Representações sociais de gestantes negras sobre violência obstétrica	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde	Qualitativo, exploratório, descritivo

Nascimento *et al.* (2017)	Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços público	Português Brasil Inglês	Revista de Enfermagem UFPE	Estudo descritivo, qualitativo
Nascimento *et al.* (2025)	A Violência Obstétrica como Coisificação da Mulher: Um Estudo de Representaçõe s Sociais	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Estudos e Pesquisas em Psicologia	Exploratório, quantitativo
Oliveira e Penna (2017)	O discurso da violência obstétrica na voz das mulheres e dos profissionais de saúde	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Texto & Contexto – Enfermagem	Estudo qualitativo, interpretativo
Oliveira *et al.* (2017)	Percepção das mulheres sobre violência obstétrica	Português Brasil Inglês	Revista de Enfermagem UFPE	Estudo descritivo, exploratório e qualitativo
Oliveira *et al.* (2019)	Vivências de violência obstétrica experimentada s por parturientes	Português Brasil Inglês	ABCS Health Sciences	Descritivo, qualitativo, transversal
Pantoja *et al.* (2025)	Experiências psicoemociona is de vítimas de violência	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Enfermagem do Centro-	Revisão de escopo

	obstétrica: revisão de escopo		Oeste Mineiro	
Rezende e McCallum (2021)	O Estado brasileiro como agente do processo reprodutivo em uma comunidade do Baixo-Sul da Bahia	Português Brasil Inglês	Physis: Revista de Saúde Coletiva	Estudo qualitativo, etnográfico
Ribeiro *et al.* (2020)	A violência obstétrica na percepção das multíparas	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista Gaúcha de Enfermagem	Estudo qualitativo descritivo
Rodrigues *et al.* (2015)	A violência obstétrica como prática no cuidado na saúde da mulher no processo parturitivo: análise reflexiva	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Enfermagem UFPE	Análise reflexiva / estudo teórico
Sampaio *et al.* (2019)	Um corte na alma: como parturientes e doulas significam a violência obstétrica que experienciam	Português Brasil Inglês	Revista Estudos Feministas	Estudo qualitativo, interpretativo
Santana *et al.* (2024)	Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil:	Português Brasil Inglês	Ciência & Saúde Coletiva	Descritivo, exploratório

	percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica			
Santos *et al.* (2023)	Percepção de puérperas sobre a violência obstétrica durante o trabalho de parto	Português Brasil Inglês	ABCS Health Sciences	Quantitativo, qualitativo
Sena e Tesser (2017)	Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Interface – Comunicação, Saúde, Educação	Estudo qualitativo, de caráter exploratório
Silva *et al.* (2015)	Violência obstétrica no ambiente hospitalar: relato de experiência sobre incoerências e controvérsias	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Enfermagem UFPE	Relato de experiência, de caráter descritivo
Silva *et al.* (2016)	Violência obstétrica sob o olhar das usuárias	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Enfermagem UFPE	Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa
Souto *et al.* (2022)	Formas e prevalência da violência obstétrica durante o	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Revista de Enfermagem UFPE	Revisão integrativa, quantitativo, qualitativo

	trabalho de parto e parto: revisão integrativa			
Souza *et al.* (2016)	Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura	Português Brasil Inglês	Revista de Ciências Médicas	Revisão integrativa da literatura
Zanardo *et al.* (2017)	Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa	Português Brasil, Inglês, Espanhol	Psicologia & Sociedade	Revisão narrativa da literatura

Fonte: Dados de pesquisa, 2026.

De acordo com o Quadro 2, na categoria Percepção/experiência da violência obstétrica, destacou-se a subcategoria perda de autonomia e o desrespeito às escolhas, sendo a falta de autonomia identificada em 46,7% (n=21) dos achados. Em seguida, sobressaiu a violência física e psicológica, evidenciada pela violência verbal e psicológica, com 33,3% (n=15) e pelas agressões físicas, com 31,1% (n=14). Também se destacaram as intervenções e os procedimentos obstétricos percebidos como inadequados ou não consentidos, com os procedimentos considerados desnecessários correspondendo a 33,3% (n=15).

Quadro 2. Categorização dos estudos selecionados quanto à percepção/experiência da violência obstétrica

Categoria	Subcategoria	Achados	Autores (ano)	*n*	%
Percepção /experiência da violência obstétrica	Perda de autonomia e desrespeito às escolhas	Falta de autonomia	Aguiar *et al.* (2022); Alves *et al.* (2023); Barbosa *et al.* (2017); Campos *et al.* (2020); Carneiro	21	46,7

⚠ Esta tabela possui muitas colunas e foi cortada para impressão. Para visualizá-la completa, acesse o artigo original em: https://revistatopicos.com.br/artigos/violencia-obstetrica-e-a-experiencia-no-parto-uma-revisao-integrativa?noblockage

Fonte: Dados de pesquisa, 2026.

Na categoria Impactos da violência obstétrica, a subcategoria impactos psicológicos e emocionais apresentou maior destaque, tendo o medo como principal achado, com 17,7% (n=8), seguido pela experiência traumática, na subcategoria trauma e repercussões psicopatológicas, com 13,3% (n=6). Na categoria impactos sobre a experiência materna e o puerpério, as dificuldades para iniciar ou manter a amamentação corresponderam a 4,4% (n=2).

Quadro 3. Categorização dos estudos selecionados quanto aos impactos psicológicos e emocionais

Categoria	Subcategoria	Achados/elementos identificados	Autores (ano)	n	%
Impactos da	Impactos psicológic	Medo	Assis *et al.* (2021) ;	8	17,7

violência obstétrica	os e emocionais		Barbosa *et al.* (2017); Garces *et al.* (2025) ; Leitão *et*	

⚠ Esta tabela possui muitas colunas e foi cortada para impressão. Para visualizá-la completa, acesse o artigo original em: https://revistatopicos.com.br/artigos/violencia-obstetrica-e-a-experiencia-no-parto-uma-revisao-integrativa?noblockage

Fonte: Dados de pesquisa, 2026.

4. DISCUSSÃO

A experiência do parto envolve não apenas os aspectos físicos do nascimento, mas também sentimentos, expectativas e necessidades emocionais. Nesse contexto, os estudos analisados demonstram que a violência obstétrica pode transformar esse momento em uma experiência marcada pelo medo, sofrimento e insegurança. Assis *et al.* (2021), Matos *et al.* (2021), Garces *et al.* (2025) e Nascimento *et al.* (2017) identificaram repercussões como tristeza, ansiedade, angústia e experiências traumáticas.

Oliveira *et al.* (2019) também observaram sentimentos de medo e insegurança, além de possíveis prejuízos ao vínculo entre mãe e filho. Essas consequências podem ultrapassar o momento do nascimento, como apontam Leite *et al.* (2024), ao relacionarem a violência obstétrica à depressão pós-parto, ao transtorno de estresse pós-traumático e às dificuldades na amamentação.

Outro aspecto relevante é a dificuldade de reconhecer determinadas práticas como formas de violência. Assis *et al.* (2021), Medeiros e Nascimento (2022), Leitão *et al.* (2025) e Garces *et al.*

(2025) identificaram que muitas mulheres desconheciam o conceito ou somente compreenderam o desrespeito sofrido após o parto. Essa situação demonstra como algumas condutas acabam sendo naturalizadas nos serviços de saúde. Carneiro (2015) acrescenta que o compartilhamento dessas experiências pode provocar sentimentos de isolamento e tristeza, mas também favorecer redes de apoio e conscientização.

Lansky *et al.* (2019), ao analisarem a experiência de 555 mulheres que visitaram a exposição Sentidos do Nascer, também identificaram dificuldades no reconhecimento da violência obstétrica. Embora 12,6% das participantes tenham relatado essa experiência, outras mulheres submetidas a procedimentos inadequados não os reconheceram como formas de violência. Os autores observaram, ainda, que o conhecimento sobre o tema aumentou após a participação na exposição, passando de 48,4% para 87,8%.

Por outro lado, Oliveira e Penna (2017) observaram que a satisfação com o nascimento do bebê poderia minimizar a lembrança de situações desagradáveis, sem necessariamente significar que a violência não tenha produzido consequências. Aguiar *et al.* (2022) ampliam essa discussão ao identificarem práticas como negligência, abandono e intervenções não consentidas entre mulheres que vivenciaram morbidade materna aguda grave, evidenciando a maior vulnerabilidade das pacientes.

Além das repercussões individuais, a violência obstétrica está relacionada à organização dos serviços e às relações de poder estabelecidas entre profissionais e parturientes. Campos *et al.* (2020) identificaram a predominância de decisões profissionais e a medicalização da assistência, enquanto Cunha *et al.* (2020)

apontaram fragilidades na formação e situações de negligência. Oliveira *et al.* (2017) observaram que até mesmo profissionais que reconheciam práticas violentas poderiam permanecer em silêncio diante de conflitos institucionais. Essa dificuldade também foi identificada por Sampaio *et al.* (2019), que demonstraram que o conhecimento dos direitos e a participação em atividades de preparação para o parto não garantiam o respeito às escolhas das mulheres.

A naturalização dessas condutas contribui para a permanência de um modelo assistencial pouco participativo. Diniz *et al.* (2015) e Zanardo *et al.* (2017) discutem como a medicalização excessiva e as intervenções desnecessárias podem comprometer os direitos das mulheres. Flores e Mello Netto (2023) acrescentam que determinadas práticas são apresentadas como formas de cuidado, dificultando sua identificação como violência. Martins *et al.* (2022), ao analisarem denúncias encaminhadas ao Ministério Público Federal do Amazonas, demonstraram que essas ocorrências envolvem diferentes instituições e categorias profissionais. Rezende e McCallum (2021) também identificaram problemas na assistência ao longo do processo reprodutivo, desde o pré-natal até o puerpério. Nesse cenário, Sampaio *et al.* (2019), Souza *et al.* (2016) e Cunha *et al.* (2020) reforçam a necessidade de mudanças na formação profissional e na cultura institucional. Sena e Tesser (2017) destacam, ainda, a contribuição do ciberativismo e da divulgação de relatos de parto para ampliar a visibilidade do problema e fortalecer a participação feminina.

As desigualdades raciais e socioeconômicas também precisam ser consideradas na análise da violência obstétrica, uma vez que podem influenciar diretamente a qualidade da assistência. Alves *et al.* (2023)

identificaram maior ocorrência de determinadas intervenções entre mulheres negras, além de menor oferta de práticas como contato pele a pele e métodos não farmacológicos para alívio da dor. Lima *et al.* (2021) observaram experiências de silenciamento, desrespeito à dor e violação de direitos, enquanto Santana *et al.* (2024) relacionaram essas situações ao racismo obstétrico e institucional. Moreira e Conceição (2025) também identificaram representações de violência associadas a agressões físicas, negligência e desrespeito entre gestantes negras.

Essas diferenças não devem ser interpretadas como características individuais das mulheres, mas como reflexos de desigualdades sociais presentes nos próprios serviços de saúde. Barbosa *et al.* (2017) e Cunha *et al.* (2020) também apontaram maior exposição a maus-tratos entre mulheres negras ou pardas, de baixa renda e escolaridade. Giacomini e Hirsch (2020) contribuem para essa reflexão ao demonstrarem que as experiências de humanização e violência obstétrica também variam conforme a posição social das mulheres. Portanto, garantir uma assistência humanizada exige não apenas respeito às escolhas individuais, mas também o enfrentamento das desigualdades raciais e sociais que atravessam o atendimento.

No cotidiano dos serviços, a violência obstétrica pode se manifestar por agressões verbais e físicas, negligência, restrição de direitos e procedimentos realizados sem esclarecimento ou consentimento. Andrade *et al.* (2016), Jardim e Modena (2018) e Rodrigues *et al.* (2015) identificaram a ocorrência de intervenções como episiotomia, manobra de Kristeller, amniotomia, restrição de movimentos e negação do acompanhante. Resultados semelhantes foram encontrados por Branco *et al.* (2024), Castro *et al.* (2023) e Costa *et al.*

(2022), que também relataram falta de informação, peregrinação em busca de atendimento, restrição alimentar e tratamento desrespeitoso. Esses achados demonstram que as situações de violência podem ocorrer em diferentes etapas da assistência, não se limitando ao momento do nascimento.

A ausência de informação e de consentimento aparece como um dos principais problemas identificados. Almeida (2022) observou o desconhecimento das puérperas sobre a violência obstétrica e a insuficiência de orientações durante o pré-natal. Medeiros e Nascimento (2022) também identificaram procedimentos repetitivos e dolorosos, privação alimentar e violação da privacidade. Nesse sentido, Macedo *et al.* (2023) destacam a importância do plano de parto como instrumento de valorização da autonomia feminina, embora sua existência não assegure, isoladamente, o respeito às decisões da parturiente, conforme demonstrado por Sampaio *et al.* (2019).

As falhas na comunicação e o tratamento oferecido pelos profissionais também interferem na qualidade da experiência. Melo *et al.* (2022), Silva *et al.* (2015), Silva *et al.* (2016) e Oliveira e Penna (2017) identificaram situações envolvendo exposição corporal, tratamento grosseiro diante da dor, negligência, restrição do acompanhante e dificuldades para exercer a autonomia. Ribeiro *et al.* (2020) acrescentam que essas experiências podem variar conforme a paridade, enquanto Souto *et al.* (2022) demonstram a diversidade de manifestações da violência, incluindo as dimensões verbal, psicológica, física, sexual, discriminatória, institucional e financeira. Santos *et al.* (2023), Nascimento *et al.* (2025) e Pantoja *et al.* (2025) também reforçam a relação entre desconhecimento,

violação de direitos, perda de autonomia e repercussões psicossociais.

Diante desses resultados, a assistência humanizada deve ultrapassar a simples redução de intervenções e considerar as necessidades clínicas e emocionais da mulher. Não se trata de rejeitar procedimentos necessários, mas de assegurar que sejam realizados mediante indicação adequada, informação clara e consentimento. Barbosa *et al.* (2017) destacam a importância do acolhimento, da informação e do apoio contínuo para uma experiência mais segura e satisfatória. Assim, o cuidado obstétrico precisa reconhecer a mulher como participante das decisões sobre seu próprio corpo, respeitando sua dignidade e seus direitos durante o pré-natal, o parto e o puerpério.

Esta revisão integrativa apresenta limitações decorrentes da diversidade metodológica dos estudos analisados, que envolvem diferentes abordagens, populações e contextos de assistência. Essa variedade dificulta a comparação dos resultados, uma vez que a violência obstétrica nem sempre é investigada ou caracterizada sob os mesmos critérios. Essas diferenças precisam ser consideradas na interpretação dos achados, sobretudo quanto à frequência e às formas de manifestação da violência obstétrica. Assim, embora os estudos permitam identificar aspectos recorrentes desse problema e suas repercussões na experiência feminina durante o parto, os resultados devem ser compreendidos à luz das particularidades de cada investigação.

5. CONCLUSÃO

Os resultados evidenciaram que a violência obstétrica se manifesta de diferentes formas, incluindo o desrespeito à autonomia feminina, a violência verbal e psicológica, as agressões físicas e a realização de procedimentos sem o devido esclarecimento ou consentimento. Essas práticas demonstram que a problemática não se restringe às intervenções físicas, abrangendo também atitudes e condutas que desconsideram os direitos, as necessidades e a individualidade das mulheres.

Os achados indicam que a experiência do parto está relacionada não apenas aos aspectos clínicos, mas também à qualidade do acolhimento, da comunicação e do suporte oferecido pelos profissionais de saúde. Nesse sentido, práticas desrespeitosas podem comprometer a percepção de segurança, dignidade e bem-estar das parturientes, além de repercutir negativamente em sua experiência durante o nascimento e em sua saúde emocional. Como limitação, destaca-se a heterogeneidade metodológica dos estudos incluídos, que dificultou a comparação direta dos resultados e a generalização dos achados.

Dessa forma, a assistência obstétrica deve considerar a mulher em sua integralidade, garantindo sua participação nas decisões e o respeito às suas escolhas e necessidades. E o enfrentamento da violência obstétrica requer o fortalecimento de práticas assistenciais humanizadas, a qualificação permanente dos profissionais, a comunicação clara e o respeito ao consentimento informado. Também é fundamental promover ambientes de cuidado acolhedores, ampliar a conscientização sobre os direitos das mulheres e desenvolver estratégias institucionais de prevenção e enfrentamento dessas situações.

Portanto, destaca-se que a violência obstétrica representa um desafio para a qualidade da atenção à saúde materna, tornando necessário o compromisso dos profissionais e das instituições de saúde com a garantia dos direitos das mulheres durante o parto. Embora os estudos analisados contribuam para a compreensão dessa problemática, novas pesquisas são importantes para aprofundar o conhecimento sobre as experiências das parturientes em diferentes contextos e avaliar estratégias efetivas de prevenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, C. A.; FELICIANO, R. G.; TANAKA, A. C. d'A. Near-miss materno e violência obstétrica: uma relação possível? **Sexualidad, Salud y Sociedad,** Rio de Janeiro, n. 38, e22208, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-6487.SESS.2022.38.E22208.A. Acesso em: 01 set. 2026.

ALMEIDA, J. V. de *et al*. Percepção das puérperas de um hospital materno infantil sobre a violência obstétrica no estado de Roraima. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online,** v. 14, 2022. Disponível em: https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/11680. Acesso em: 01 set. 2026.

ALMEIDA, N. O. *et al*. O direito da parturiente ao acompanhante como instrumento de prevenção à violência obstétrica. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário,** Brasília, v. 9, n. 4, p. 12-27, 2020. DOI: https://doi.org/10.17566/ciads.v9i4.643. Acesso em: 01 set. 2026.

ALVARENGA, E. Q. *et al*. A revisão integrativa nos estudos das políticas públicas educacionais: potencialidades e aplicabilidade do

método. **Revista Brasileira de Educação,** v. 29, e290111, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-24782024290111. Acesso em: 01 set. 2026.

ALVES, G. *et al*. Relação entre iniquidade racial e violência obstétrica no parto. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago,** Goiânia, v. 9, p. 1-19, 2023. DOI: https://doi.org/10.22491/2447-3405.2023.V9.9d3. Disponível em: https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/547. Acesso em: 01 set. 2026.

ANDRADE, P. de O. N. *et al*. Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil,** Recife, v. 16, n. 1, p. 29-37, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-93042016000100004. Acesso em: 01 set. 2026.

ASSIS, K. G. de; MEURER, F.; DELVAN, J. da S. Repercussões emocionais em mulheres que sofreram violência obstétrica. **Psicologia Argumento,** v. 39, n. 103, p. 135-157, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.7213/psicolargum.39.103.AO07. Acesso em: 01 set. 2026.

AVCI, N.; KAYDIRAK, M. M. A qualitative study of women's experiences with obstetric violence during childbirth in Turkey. **Midwifery,** v. 121, art. 103658, 2023. DOI: https://doi.org/10.1016/j.midw.2023.103658

BARBOSA, L. de C.; FABBRO, M. R. C.; MACHADO, G. P. dos R. Violência obstétrica: revisão integrativa de pesquisas qualitativas. **Avances en Enfermería,** v. 35, n. 2, p. 188-200, 2017. Disponível em:

https://doi.org/10.15446/av.enferm.v35n2.59637. Acesso em: 01 set. 2026.

BRANCO, M. A.; MEUCCI, R. D.; PALUDO, S. dos S. Práticas associadas à violência obstétrica no parto vaginal: estudo de base populacional em município do Sul do Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva,** v. 32, n. 2, e32020020, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1414-462X202432020020. Acesso em: 01 set. 2026.

CAMPOS, V. S. *et al*. Práticas convencionais do parto e violência obstétrica sob a perspectiva de puérperas. **Revista Baiana de Enfermagem,** v. 34, e35453, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.18471/rbe.v34.35453. Acesso em: 01 set. 2026.

CARNEIRO, R. Para chegar ao Bojador, é preciso ir além da dor: sofrimento no parto e suas potencialidades. **Sexualidad, Salud y Sociedad,** Rio de Janeiro, n. 20, p. 91-112, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.20.08.a. Acesso em: 01 set. 2026.

CASTRO, N. R. S. *et al*. Violência obstétrica na percepção de puérperas em uma maternidade pública do norte do Brasil. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online,** v. 15, e12625, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12625. Acesso em: 01 set. 2026.

CONCEIÇÃO, H. N. *et al*. Desrespeito e abuso durante o parto e depressão pós-parto: uma revisão de escopo. **Cadernos de Saúde Pública,** Rio de Janeiro, v. 39, n. 5, e00236922, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-311XPT236922. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csp/a/vQtcLgTDqdB7sN8mKxTc5ZS/. Acesso em: 01 nov. 2026

COSTA, L. D. *et al*. Violência obstétrica: uma prática ainda vivenciada no processo de parturição? **Revista de Enfermagem UFPE On Line,** 2022. Disponível em: https://doi.org/10.5205/1981-8963.2022.252768. Acesso em: 01 set. 2026.

CUNHA, A. L. da *et al*. Produção de conhecimento sobre violência obstétrica: o lado invisível do parto. **Nursing,** São Paulo, v. 23, n. 260, p. 3529-3532, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i260p3529-3532. Acesso em: 01 set. 2026.

DINIZ, S. G. *et al*. Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna e propostas para sua prevenção. **Journal of Human Growth and Development,** v. 25, n. 3, p. 377-384, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.7322/jhgd.106080. Acesso em: 01 set. 2026.

FLORES, C. A.; MELLO NETTO, V. de. É para o seu bem: a violência perfeita na assistência obstétrica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 33, e33057, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333057. Acesso em: 01 set. 2026.

GARCES, P. M. M. *et al*. Perception and experience of obstetric violence in postpartum women at a public hospital in Peru: a mixed study. **Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública,** v. 42, n. 1, p. 54-62, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.17843/rpmesp.2025.421.14281. Acesso em: 01 set. 2026.

GIACOMINI, S. M.; HIRSCH, O. N. Parto natural e/ou humanizado? Uma reflexão a partir da classe. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 28, n. 1, 2020. Disponível em:

https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n157704. Acesso em: 08 set. 2026.

JARDIM, D. M. B.; MODENA, C. M. A violência obstétrica no cotidiano assistencial e suas características. **Revista Latino-Americana de Enfermagem,** v. 26, e3069, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1518-8345.2450.3069. Acesso em: 01 set. 2026.

LANSKY, S. *et al.* Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 24, n. 8, p. 2811-2824, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017. Acesso em: 01 set. 2026.

LEITÃO, K. R. S. *et al.* Representações sociais de puérperas sobre violência obstétrica nos cenários do parto e do nascimento. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 30, n. 8, e08662024, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232025308.08662024. Acesso em: 08 set. 2026.

LEITE, T. H. *et al.* Epidemiologia da violência obstétrica: uma revisão narrativa do contexto brasileiro. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 29, n. 9, e12222023, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.12222023. Acesso em: 01 set. 2026.

LIMA, K. D. de; PIMENTEL, C.; LYRA, T. M. Disparidades raciais: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 26, supl. 3, p. 4909-4918, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019. Acesso em: 01 set. 2026.

MACEDO, J. *et al*. O plano de parto como mecanismo de proteção do direito à autodeterminação da mulher em contexto obstétrico em Portugal. **Revista de Bioética y Derecho,** n. 58, p. 223-242, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1344/rbd2023.58.39814. Acesso em: 01 set. 2026.

MARTINS, R. B. *et al*. Análise das denúncias de violência obstétrica registradas no Ministério Público Federal do Amazonas, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva,** v. 30, n. 1, p. 68-76, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1414-462X202230010245. Acesso em: 01 set. 2026.

MATOS, M. G. de; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Violência obstétrica e trauma no parto: o relato das mães. **Psicologia: Ciência e Profissão,** Brasília, v. 41, e219616, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1982-3703003219616. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/XSKSP8vMRV6zzMSfqY4zL9v/. Acesso em: 01 set. 2026.

MCKELVIN, G.; THOMSON, G.; DOWNE, S. The childbirth experience: a systematic review of predictors and outcomes. **Women and Birth,** v. 34, n. 5, p. 407-416, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.wombi.2020.09.021

MEDEIROS, R. de C. da S.; NASCIMENTO, E. G. C. do. Na hora de fazer não chorou: a violência obstétrica e suas expressões. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 30, n. 3, e71008, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n371008. Acesso em: 08 set. 2026.

MELO, B. L. P. L. *et al*. Violência obstétrica à luz da Teoria da Diversidade e Universalidade do Cuidado Cultural. **Revista Cuidarte,**

v. 13, n. 1, e1536, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.15649/cuidarte.1536. Acesso em: 01 set. 2026.

MINCKAS, N. *et al*. Disrespect and abuse as a predictor of postnatal care utilisation and maternal-newborn well-being: a mixed-methods systematic review. *BMJ Global Health*, v. 6, n. 4, e004698, 2021. DOI: https://doi.org/10.1136/bmjgh-2020-004698. Acesso em: 01 set. 2026.

MIRZANIA, M. *et al*. Sedigheh. Prevalence of mistreatment and disrespect of women during childbirth in the world: a systematic review and meta-analysis. **Reproductive Health,** v. 22, art. 193, 2025. DOI: https://doi.org/10.1186/s12978-025-02119-6

MIYAUCHI, A.; SHISHIDO, E.; HORIUCHI, Shigeko. Women's experiences and perceptions of women-centered care and respectful care during facility-based childbirth: a meta-synthesis. **Japan Journal of Nursing Science,** v. 19, n. 3, e12475, 2022. DOI: https://doi.org/10.1111/jjns.12475. Acesso em: 01 set. 2026.

MOREIRA, M. A.; CONCEIÇÃO, C. S. Representações sociais de gestantes negras sobre violência obstétrica. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde,** v. 15, n. 1, e20257493, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.18554/reas.v15i1.7493. Acesso em: 01 set. 2026.

NASCIMENTO, E. M. *et al*. A violência obstétrica como coisificação da mulher: um estudo de representações sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia,** v. 25, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.12957/epp.2025.74359. Acesso em: 01 set. 2026.

NASCIMENTO, L. C. do *et al*. Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos. **Revista de Enfermagem UFPE On**

Line, v. 11, supl. 5, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5205/reuol.9302-81402-1-RV.1105sup201706. Acesso em: 01 set. 2026.

OLIVEIRA, M. do S. S. de *et al*. Vivências de violência obstétrica experimentadas por parturientes. **ABCS Health Sciences,** v. 44, n. 2, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.7322/abcshs.v44i2.1188. Acesso em: 01 set. 2026.

OLIVEIRA, T. R. de *et al*. Percepção das mulheres sobre violência obstétrica. **Revista de Enfermagem UFPE On Line,** Recife, v. 11, n. 1, p. 40-46, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.5205/reuol.9978-88449-6-1101201701. Acesso em: 01 set. 2026.

OLIVEIRA, V. J.; PENNA, C. M. de M. O discurso da violência obstétrica na voz das mulheres e dos profissionais de saúde. **Texto & Contexto – Enfermagem,** Florianópolis, v. 26, n. 2, e06500015, 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-07072017006500015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tce/a/nPqfV5Jt6NRFq86tnDFFgnb/. Acesso em: 01 set. 2026

PANTOJA, G. X. *et al*. Experiências psicoemocionais de vítimas de violência obstétrica: revisão de escopo. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro,** v. 15, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.19175/recom.v15i0.5644. Acesso em: 01 set. 2026.

REZENDE, P. de S.; McCALLUM, C. O Estado brasileiro como agente no processo reprodutivo em uma vila do Baixo-Sul Baiano. **Physis: Revista de Saúde Coletiva,** v. 31, n. 3, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310317. Acesso em: 01 set. 2026.

RIBEIRO, D. de O. *et al*. A violência obstétrica na percepção das multíparas. **Revista Gaúcha de Enfermagem,** v. 41, e20190419, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190419. Acesso em: 01 set. 2026.

RODRIGUES, D. P. *et al*. A violência obstétrica como prática no cuidado na saúde da mulher no processo parturitivo: análise reflexiva. **Revista de Enfermagem UFPE On Line,** Recife, v. 9, supl. 5, p. 8461-8467, jun. 2015. DOI: https://doi.org/10.5205/reuol.6466-55061-3-SM.0905supl201516. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/download/10613/11595/22279. Acesso em: 01 set. 2026

SAMPAIO, J.; TAVARES, T. L. de A.; HERCULANO, T. B. Um corte na alma: como parturientes e doulas significam a violência obstétrica que experienciam. **Revista Estudos Feministas,** Florianópolis, v. 27, n. 3, e56406, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356406. Acesso em: 08 set. 2026.

SANTANA, A. T. de *et al*. Racismo obstétrico, um debate em construção no Brasil: percepções de mulheres negras sobre a violência obstétrica. **Ciência & Saúde Coletiva,** v. 29, n. 9, e09952023, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.09952023. Acesso em: 01 set. 2026.

SANTOS, V. de M. *et al*. Percepção de puérperas sobre a violência obstétrica durante o trabalho de parto. **ABCS Health Sciences,** v. 48, e023234, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.7322/abcshs.2021273.1991. Acesso em: 01 set. 2026.

SENA, L. M.; TESSER, C. D. Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências.

Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 21, n. 60, p. 209-220, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0896. Acesso em: 01 set. 2026.

SILVA-FERNANDEZ, C. S. *et al*. Factors associated with obstetric violence implicated in the development of postpartum depression and post-traumatic stress disorder: a systematic review. **Nursing Reports,** v. 13, n. 4, p. 1553-1576, 2023. DOI: https://doi.org/10.3390/nursrep13040130. Acesso em: 01 set. 2026.

SILVA, J. K. da *et al*. Violência obstétrica no ambiente hospitalar: relato de experiência sobre incoerências e controvérsias. **Revista de Enfermagem UFPE On Line,** Recife, v. 9, n. 12, p. 1345-1351, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5205/1981-8963-v9i12a10843p1345-1351-2015. Acesso em: 01 set. 2026.

SILVA, R. L. V. da *et al*. Violência obstétrica sob o olhar das usuárias. **Revista de Enfermagem UFPE On Line,** Recife, v. 10, n. 12, p. 4474-4480, dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.5205/reuol.9978-88449-6-ED1012201606. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/download/11512/13392. Acesso em: 01 set. 2026

SOUSA, M. N. A. de; BEZERRA, A. L. D.; EGYPTO, I. A. S. do. Trilhando o caminho do conhecimento: o método de revisão integrativa para análise e síntese da literatura científica. **Observatório de la Economía Latinoamericana,** v. 21, n. 10, p. 18448-18483, 2023. DOI: https://doi.org/10.55905/oelv21n10-212. Acesso em: 01 set. 2026.

SOUTO, R. E. M. *et al*. Formas e prevalência da violência obstétrica durante o trabalho de parto e parto: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE On Line,** v. 16, e253246, 2022. Disponível em:

https://doi.org/10.5205/1981-8963.2022.253246. Acesso em: 01 set. 2026.

SOUZA, A. B. de *et al*. Fatores associados à ocorrência de violência obstétrica institucional: uma revisão integrativa da literatura. **Revista de Ciências Médicas,** v. 25, n. 3, p. 115-128, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.24220/2318-0897v25n3a3641. Acesso em: 01 set. 2026.

ZANARDO, G. L. de P. *et al*. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Psicologia & Sociedade,** v. 29, e155043, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29155043. Acesso em: 01 set. 2026.

---

[1] Bacharel em Odontologia e Graduando em Medicina. Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Patos – PB. Currículo Lattes: 9318806590089468. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Graduando em Medicina. Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Patos – PB. Currículo Lattes: 2878282441815734. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[3] Graduando em Medicina. Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Patos – PB. Currículo Lattes: 6414893433690020. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[4] Graduando em Medicina. Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Patos – PB. Currículo Lattes: 4952681444728877. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[5] Doutora e Pós-Doutora em Promoção da Saúde. Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão e Docente. Centro Universitário de Patos (UNIFIP), Patos – PB. Currículo Lattes: 4072403134533966. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail